

SOBRE A UNIDADE EM TORNO DE UM CANECO: FUTEBOL, POLÍTICA E IMPRENSA NA VITÓRIA “BRASILEIRA” NA COPA DO MUNDO DE 1970

Ernesto Sobocinski Marczal¹

Universidade Federal do Paraná/UFPR

Curitiba, Brasil

ernesto_marczal@hotmail.com

Recebido em 15 de abril de 2013

Aprovado em 04 de maio de 2013

Resumo

A conquista do tricampeonato mundial em 1970 constituiu um marco na memória do esporte nacional. O sucesso do selecionado nos gramados mexicanos mobilizou a população e ecoou nas páginas de diversos veículos de comunicação impressa. Enquanto isso, no meio político-social, o país experimentava o início do governo Médici, no qual verificava as controvérsias da ditadura militar implantada em 1964, com a paralela intensificação do aparato repressor e dos mecanismos de propaganda estatal, ao lado do desenvolvimento perpetrado por aquilo que se convencionaria chamar de milagre econômico. A partir desse panorama singular e tomando o futebol como elemento de particular apreço cultural no Brasil, o presente artigo se debruça sobre as relações entre futebol e política com base nas leituras veiculadas sobre a Copa do Mundo em três publicações: as revistas de diversidades *O Cruzeiro* e *Manchete* e o semanário alternativo *O Pasquim*.

Palavras-Chave: Ditadura Militar, Tradição, Identidade Nacional.

Abstract

On the unity around one Cup: football, politics and the press in the “Brazilian” Victory on the 1970’s World Cup

The conquest of the third World Cup championship in 1970 established a marc in the memory of national sport. The success of the Brazilian team on the Mexican fields mobilized the population and echoed on the pages of multiples press vehicles. Meanwhile, in the socio-political arena, the country experimented the beginning of the Medici government, in which the controversies of the military dictatorship implanted in 1964 were seen, with the intensification of repression, of state propaganda and the

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista Reuni de Assistência ao Ensino. Integrante do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (NEFS – UFPR).

development perpetrated by what would be known as the economic miracle. Starting by this singular panorama and taking football as an element of remarkable cultural appreciation in Brazil, this article stoop over the relations between football and politics based on the lectures about the World Cup put out by three publications: the variety magazines *O Cruzeiro* and *Manchete* and the alternative weekly *O Pasquim*.

Keywords: Military Dictatorship; Tradition; National Identity.

“O caneco é nosso”. Com esta chamada estampando sua capa, a revista *O Cruzeiro* de 30 de junho de 1970 anunciava a última vitória do esporte de maior destaque do país. Para a publicação, “o caneco”, homônimo popularesco para o troféu das competições de Copa do Mundo, até então a taça Jules Rimet, simbolizava mais do que a simples conquista esportiva, mas um verdadeiro triunfo nacional.

Durante o ano de 1970 o mundial de futebol do México tornara-se um dos assuntos mais debatidos no país, e a Seleção eleita como legítima representante brasileira nesta empreitada esportiva. Vencer a Copa não significava somente a conquista de um mero torneio, mas representava a supremacia nacional diante de adversários estrangeiros – ao menos no futebol.

Terminada a competição, os veículos de comunicação formularam análises variadas sobre o desempenho brasileiro no campeonato. Simultaneamente foram enaltecidas as qualidades dos jogadores e o planejamento da Comissão Técnica. Contudo, o que prevalecia era a comoção popular, o envolvimento passional acompanhado de perto pela imprensa. Passados os fogos da vitória, o cenário social do país retornava a pauta principal, de modo que parcela considerável dos artigos imediatamente subsequentes ao mundial repercutia o tricampeonato em perspectiva do contexto sociopolítico nacional.

No caso, o início do governo do general Emílio Garrastazu Médici, período em que imperava o recrudescimento perpetrado pela chamada linha-dura sobre o regime

militar instaurado no país em 1964. Instante de configurações controversas em que a conviviam a euforia em torno do alardeado desenvolvimento nacional proporcionado pelas elevadas taxas de crescimento, naquilo que se convencionou chamar de milagre econômico, e o temor da repressão, do cerceamento dos direitos civis e da liberdade de manifestação pública (ALVES, 2005).

Concomitantemente, o futebol, diante do significado cultural que a modalidade desfrutava no país, figurava como objeto de interesses políticos diversos, inclusive da própria propaganda e discurso ideológico do regime instaurado. A simbologia aglutinada pelo esporte, sobretudo perante o sucesso do selecionado, tornava a modalidade um espectro de nacionalidade, catalizador afetivo da população e um canal profícuo de aproximação da ditadura junto à população no âmbito público. Reconhecer tal intenção não significa reduzir a modalidade esportiva à ingerência da ditadura, mas perceber a importância concedida por esta às possibilidades políticas fomentadas pelas narrativas construídas a partir do esporte naquele momento.

Do mesmo modo, não podemos restringir os discursos produzidos a uma iniciativa do governo autoritário do momento, como se outras manifestações sobre o futebol e o tricampeonato não fossem possíveis. Os diferentes veículos de imprensa que, de algum modo, abordaram o evento elaboraram leituras particulares, coincidentes ou não com os usos políticos do futebol imaginados pelo regime, principalmente após a obtenção do tricampeonato no estádio Asteca.

Nesse processo de formulação discursiva, são retomadas memórias do esporte que operaram na construção de uma espécie de tradição brasileira no futebol, a qual se aproximava ou distanciava da campanha do tricampeonato de acordo com cada construção narrativa. Esta tradição elenca elementos simbólicos que vinculam o futebol

à constituição de uma identidade nacional, gradativamente incorporada como uma das principais possibilidades de representação cultural do país. Como destaca o pesquisador Édison Gastaldo (2002), “o futebol no Brasil pode ser considerado uma das manifestações culturais mais importantes na constituição da cultura brasileira contemporânea, juntamente com o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras” (p. 23).

A aproximação entre o campo político e o esportivo se desenvolve justamente a partir das representações enunciadas a partir do futebol. Este se transforma em objeto de interesse político ao mobilizar a atenção popular, contribuindo na articulação de identidades e desencadeando manifestações passionais que valorizam o sentimento de pertença e orgulho nacionais.

Futebol: tradição e memória

Para além da prática esportiva, o futebol é recorrentemente visualizado como espaço de manifestação cultural, no qual estariam representados e delimitados valores identitários brasileiros. Embora seja difícil questionar a amplitude alcançada pela modalidade no país, é inegável que sua percepção enquanto elemento tradicional à cultura brasileira deriva de uma construção discursiva, incorporada e reproduzida socialmente. Partindo desta constatação atentamos para as considerações de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997) a respeito o conceito de tradição inventada:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em reação ao passado. Alias sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (p. 9)

Seguindo esta ótica, a concepção de uma forma de jogar tipicamente brasileira pode ser compreendida enquanto uma tradição inventada, devidamente sedimentada por conquistas e êxitos anteriores. Ao retomar o passado histórico, estrutura-se uma relação entre a construção da tradição e a memória, através da qual busca a legitimidade necessária para sua instituição. Para Pollack (1989), as funções primordiais da memória são “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum” (p. 9). Segundo o autor, o processo de construção da memória efetua-se a partir de um trabalho de enquadramento, no qual são devidamente selecionados personagens, eventos, lugares, imagens a serem lembrados ou omitidos (POLLACK, 1989).

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. Mas, assim como a exigência de justificação [...] limita a falsificação pura e simples do passado na sua reconstrução política, o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos. (POLLACK, 1989, p. 10)

A coerência do discurso construído é fundamental, tanto para combater memórias concorrentes quanto para garantir a profícua propagação da memória desejada no meio social. De certa forma, o processo de construção de tradições passa por este trabalho de enquadramento, buscando no passado histórico os elementos para sua afirmação e legitimação no presente.

Tomando um exemplo relacionado ao futebol, a própria terminologia adotada pelos veículos de imprensa para descrever o título conquistado no México, encontra-se imbricada de significados que remetem tanto a memória recente quanto à tradição atribuída ao futebol brasileiro. Ao empregar o termo “tricampeonato” para descrever a

campanha no mundial do México, são automaticamente rememoradas as “glórias” anteriores, em 1958 e 1962, reafirmando a tradição do Brasil no certame esportivo.

Sob esta leitura, um dos principais articuladores da tradição nacional atribuída ao futebol são os veículos de imprensa, pois lidam diretamente com as estruturas simbólicas difundidas no espaço social. Como destaca Soares e Salvador, “a mídia, em sociedades letradas como a nossa, tornou-se guardiã da memória. Ela aciona o passado para dar significado aos eventos que veicula no presente” (SOARES e SALVADOR, 2009, p. 2).

A narrativa jornalística desempenha um papel fundamental na propagação das representações construídas a respeito do futebol brasileiro. Ao discutir um estilo de jogo próprio, sobretudo na figura da seleção nacional, são evocadas imagens, lembranças, acontecimentos na trajetória histórica do esporte que corroboram a perspectiva de uma forma singular de praticar o futebol no país.

Características como a ginga, a malandragem, o improviso e a criatividade são retratadas como qualidades culturais quase inatas ao jogador brasileiro (SOARES, 2001). Tais atributos são sintetizados e potencializados quando suas representações têm como referência a seleção, a qual supostamente reuniria o que há de melhor no esporte nacional. Reportagens, entrevistas, crônicas e artigos jornalísticos contribuem para a propagação desta imagem no imaginário social (SOARES, 2001), confrontando os eventos do presente com o passado rememorado e idealizado sob o viés da tradição. Sob este aspecto, em situações em que a equipe não consegue reproduzir o estilo de jogo idealizado esperado, atletas e comissão técnica são muitas vezes criticados por negarem os valores culturais tradicionais atribuídos ao esporte no país.

No mundial da Inglaterra, em 1966, por exemplo, analistas esportivos vociferaram contra equipe nacional após o “fracasso” na competição. Vindo de dois títulos consecutivos, o otimismo para a conquista de um inédito tricampeonato era grande. Entretanto, o futebol apresentado pelo selecionado brasileiro ficou muito abaixo das expectativas, culminando com a desclassificação ainda na fase preliminar². Nelson Rodrigues, um dos grandes narradores do discurso tradicionalista na imprensa, foi um dos cronistas que se dispuseram a avaliar os fatores que ocasionaram a inesperada queda em Londres. Na revista *Manchete*, datada de 30 de julho, assinava o artigo “A explosão do caos”, no qual argumentava o seguinte:

A comissão técnica é ré única e nada misteriosa. O jogador brasileiro não tem culpa de nada, é inocente da cabeça aos sapatos. Continua sendo o maior craque do Mundo. A comissão Técnica é que preparou, cavou e cultivou o abismo em que estão metidos não só o futebol do Brasil como 80 milhões de brasileiros. O único aspecto mais ou menos simpático da Comissão Técnica é o ridículo que esta inserido em todo o seu comportamento de ópera bufa. Fora disso, a coisa assume uma hediondez inédita na história de nosso esporte. Êsses homens tiveram tudo – dinheiro, prestígio, apoio oficial e popular, pão-de-ló, pires de leite, mil e um favores – e não fizeram nada senão massacrar o time nacional com suas patas. Com cerca de quatro meses de treinos e de jogos, a Comissão não conseguiu formar um time.³

Nesta passagem é possível notar um duplo esforço do autor. Por um lado, procura abalizar os principais motivos da derrota, direcionados, sobretudo, a incompetência da Comissão Técnica, incapaz de organizar a equipe para disputar uma competição de tamanha importância. De outro, ao inocentar os jogadores, os quais continuariam como “os melhores do mundo”, tenta salvaguardar a tradição do futebol nacional. Embora sutil, o jogo de enquadramento da memória permanece atuante como

² A Seleção Brasileira seria eliminada ainda na fase de grupos após derrotas contra Hungria (3 x 1) e Portugal (3 x 0).

³ RODRIGUES, N. A explosão do caos. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 740, p. 26-29, jul. 1966. p. 27.

forma de resguardar os valores culturais projetados e desejados sobre o principal esporte nacional.

A articulação do futebol a uma forma de manifestação tipicamente brasileira suporta grande significado cultural. Tal relação é reforçada pelas narrativas produzidas pela imprensa, conferindo a este esporte um espaço singular no meio social. Para além de uma prática esportiva, o futebol é também visualizado como aglutinador de representações sobre o ser brasileiro (DAMATTA, 1982), conferindo-lhe também caráter identitário. Quando visualizado a partir da seleção, a modalidade desportiva adquire significado de uma construção cultural nacional socialmente compartilhada.

Tanto o aspecto da tradição quanto os valores identitários apregoados ao futebol estão presentes nas narrativas sobre a conquista da IX Copa do Mundo, no México, em junho de 1970. Agora sob um momento de triunfo, as referências à memória servem à confirmação da superioridade do futebol brasileiro diante de seus adversários. O título obtido no campo esportivo é vivenciado como uma vitória da própria nação.

Contudo nem todas as formulações discursivas observadas reiteram esta perspectiva. Também foram produzidas narrativas que contestaram o papel destacado do futebol na sociedade, principalmente diante do conturbado cenário político social vivenciado no período. Assim o futebol foi tanto invocado como elemento de construção da identidade e valorização do sentimento nacionalista, quanto empregado como sinônimo de alienação popular diante dos problemas políticos e desigualdades sociais. Sob este viés, o futebol ficaria a mercê de um processo de apropriação por parte do Estado, o qual teria a possibilidade de utilizar as representações articuladas sobre o esporte em favor dos seus objetivos políticos. Nas páginas dos diferentes veículos de imprensa, as leituras efetuadas tanto viabilizariam a aproximação entre população e

governo, quanto questionariam o cenário político social vigente a partir da mobilização política da tradição atribuída ao futebol e ampla manifestação passional popular.

A fim de pincelar estas diferentes leituras, dirigimos o olhar para alguns excertos de artigos publicados em três publicações de periodicidade semanal em circulação durante o mundial de 1970: as revistas de diversidades e entretenimento *O Cruzeiro* e *Manchete*, e o hebdomadário alternativo *O Pasquim*.

Interseções entre futebol e política: representações sobre a vitória brasileira na Copa de 1970

Dezoito minutos: Pelé salta com Rosato e cabeceia para as redes de Albertosi. Euforia no Estádio Asteca e em todo o Brasil. Mas a nossa seleção não se firmou ainda. O toque de bola é nervoso e há insegurança na defesa, gerando angústias. Os italianos acabam empatando, por excesso de classe de Clodoaldo, que tentou entregar uma bola de calcanhar. No segundo tempo, o quadro corre mais em campo e coordena melhor as jogadas. Aos 22 minutos, a canhota de Gérson devolve ao Brasil a liderança no placar. Cinco minutos depois, um passe genial de Pelé para Jairzinho e o Brasil dispara: 3 x 1. O delírio é total e a desforra de 1938 completa a de 1950 contra o Uruguai. Aos 42 minutos, Pelé, extremamente calmo, genial, deu um toque para o lado. O chute de Carlos Alberto foi eletrônico. A Jules Rimet era nossa. Nas TVs do mundo inteiro apareceu uma legenda: *Champion of the World: Brazil*.⁴

Com esta chamada a revista *Manchete* destacava a vitória do esporte nacional em uma das infindáveis edições especiais subsequentes ao título. Os quatro a um da final consolidavam o momento excepcional do futebol brasileiro. Os jogadores vitoriosos na campanha do México retornaram ao Brasil como heróis nacionais. Mais do que o título, a conquista reafirmava a suposta hegemonia no campo futebolístico, colocada em xeque na Copa de 1966, na Inglaterra. Terminada a partida no célebre estádio Asteca, a seleção nacional conseguia, em definitivo, a posse taça Jules Rimet, credenciando-se

⁴ O caneco é nosso. *Manchete*: edição sonora, Rio de Janeiro, s/n, p. 6-7, jul. 1970. p. 7.

como o único país tricampeão mundial de futebol. Contudo, esta conquista extrapolava, e muito, as linhas que delimitavam o gramado, refletindo-se na própria conformação social brasileira.

Enquanto o futebol estampava as manchetes e centralizava a atenção da população, o governo de Emílio Garrastazu Médici – 1969-74 – encabeçava o ápice do regime de exceção que marcou a história recente do Brasil. Sob os governos militares o país experimentou o cerceamento dos direitos individuais de seus cidadãos e o entrave do aparelho político democrático (ALVES, 2005). A efervescência que tomara o início da década de 1960, logo fora substituída por um burocrático mecanismo político administrativo instituído pela autoproclamada “revolução” de 1964, a qual afirmava não só realinhar o país nos rumos da democracia, mas garantir a segurança e integridades nacionais diante da crescente corrupção e da iminência de um possível levante comunista (REIS FILHO, 2004). O que se observou, entretanto, foi que a passageira “revolução” se manteve por mais de vinte anos no comando político-partidário da nação.

Embora o levante que iniciou o regime possa ser classificado como um golpe civil militar, uma vez que contou apoio de parcelas significativas da sociedade, fato é que no período que se seguiu o regime pouco – ou nada – conseguiu mobilizar a população em torno de seus projetos nacionalistas. Pelo contrário, nestes anos foi possível notar o aumento do descontentamento público e da, sumariamente reprimida, oposição. (ALVES, 2005).

O advento do mundial do México, em junho de 1970, diante da grande mobilização popular, surgia como momento profícuo para aproximação entre o regime e as massas através do esporte. Entretanto, futebol e política constituem campos

diferentes, cada qual permeado por suas próprias estruturas internas de funcionamento, detentoras de relativa autonomia social (BOURDIEU, 1983, p. 119). Isto significa considerar que o futebol detém uma lógica de organização singular que independe de atribuições e determinações exclusivas dos espaços político e econômico. Como destaca Pierre Bourdieu (1983):

[...] a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio ritmo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. (p. 119)

No Brasil, o futebol estabelece-se paralelamente as tensões políticas, constituindo um conjunto simbólico particular no meio social. Os elementos simbólicos ligados ao futebol receberam sucessivas significações, relacionando o jogo a valores culturais interpretados como nacionais. Sem dúvida, a progressiva instituição de competições disputadas entre países, cujo maior exemplo é a Copa do Mundo, contribuiu para a solidificação desta relação. Nos eventos esportivos internacionais as seleções se transformam em representante legítimas da nação (AGOSTINO, 2002).

Na Copa de 1970, o futebol já configura como um fenômeno sociocultural sedimentado e relevante, capaz de aglutinar a atenção de parcelas expressivas da população. Embora o esporte ainda mantenha sua autonomia, os resultados obtidos repercutem no comportamento social, canalizando a manifestação de paixões. Sob a representação da seleção, a simbiose entre futebol e nação se transforma em objeto de interesse político. Embora não possua os mecanismos necessários para intervir efetivamente no campo esportivo, sobretudo em uma competição de Copa do Mundo, o Estado busca se aproximar e, na medida do possível, se apropriar dos valores simbólicos

atribuídos ao futebol como forma de aproximação da população, conferindo a legitimidade necessária para efetivação de seus projetos.

Nesse sentido é importante lembrar como a construção de um aparato de publicidade e propaganda oficial constituía um aspecto importante para o governo militar naquele momento, tanto que é nesse mesmo período em que se situa uma ação mais efetiva da AERP - Assessoria Especial de Relações Públicas. Criada em 1968, ainda durante o governo Costa e Silva, e vinculada diretamente à presidência, responsabilizava-se pela comunicação entre Estado e sociedade civil e objetivava encabeçar a estrutura publicitária do regime (FICO, 1997). Durante o governo Médici, não foram raras as ocasiões em que o órgão vinculou peças publicitárias associando a imagem do presidente à modalidade esportiva mais popular do país, destacadamente diante dos sucessos obtidos nos gramados (AGOSTINO, 2002, p. 158).

Porém a formulação de narrativas articulando, de maneiras diversas, o futebol e o regime militar não foi restrita à ação estatal, fazendo-se presente em diferentes veículos de imprensa.

A revista *O Cruzeiro*, da primeira semana de julho de 1970, discorre justamente sobre a relação entre o tricampeonato nacional e o cenário político. O artigo, intitulado “A hora e a vez da comunicação”, observa que diante de um movimento político incapaz de cativar a população, o tricampeonato poderia servir como solução alternativa à mobilização da população:

[...] Assim, de 64 até aqui, nenhum acontecimento se registrou capaz de motivar os brasileiros. A Jules Rimet teve essa virtude, ocasionando uma mobilização da opinião pública que o General Médici tem condições de canalizar em benefício da revolução que representa.⁵

⁵ A hora e a vez da comunicação. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p.119, jul. 1970.

Neste trecho, já se observa o reconhecimento na época da representatividade que a conquista do título mundial detinha como meio de aproximação do Estado à população, como coloca a reportagem: “ocasionando uma mobilização da opinião pública que o General Médici tem condições de canalizar em benefício da revolução que representa”. Ou seja, a vitória nos gramados dava ao governo a possibilidade de aproveitar a efervescência e euforia em se que encontravam a população para vincular uma imagem positiva do regime de governo instaurado com o golpe de março de 1964.

Ao mesmo tempo em que esta passagem revela as possibilidades de apropriação política sobre o futebol, ela também evidencia a falta do interesse público pelo regime, bem como a incapacidade da autointitulada revolução em mobilizar a população em prol de seus projetos idealizados de nação. O futebol enquanto fenômeno social parece atrair maior interesse popular do que os rumos tomados pelos militares na administração do país.

No mesmo período, a revista *Manchete* publicou o artigo intitulado “Da Unidade Nacional em torno de um Caneco”. Neste texto o jornalista Murilo Melo Filho discorre sobre a conquista do tricampeonato paralelamente às tensões políticas e sociais. Enquanto as representações políticas estão fragmentadas, o futebol surgiria como fenômeno capaz de unificar a população em prol de um sentimento de orgulho e apoio nacionais:

Era como se o Brasil inteiro estivesse á beira do Gramado íamos todos juntos, para frente. De repente, surgiu uma corrente. Todos estavam ligados na mesma emoção. Parecia que todo o Brasil tinha dado a mão e tudo era um só coração.

A turma do sereno não estava satisfeita com toda essa alegria, assaz desinteressante dos planos negativistas do quanto pior melhor, do povo triste, do país derrotado, da nação incapaz. Na fumaça das comemorações da vitória sobre o Peru, espocavam outros tiros menos festeiros e mais certos. Mas nem mesmo o seqüestro do embaixador

de um país que poderíamos enfrentar nas semifinais conseguiu desviar o povo das celebrações que, num crescendo, desaguardariam no maior carnaval de todos os tempos. O Brasil estava muito ocupado com seus triunfos para preocupar-se com seus terroristas.⁶

A referência ao sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben por militantes da luta armada, no dia 11 de junho, um dia após a partida entre o Brasil e a Romênia, contrasta com a mobilização popular em torno da competição. Embora destaque o momento como exemplo de união e comoção nacionais, nem todos compartilham do mesmo sentimento. A “turma do sereno” retrata uma espécie de inimigo interno que se interpõe à felicidade da população. Porém, nem mesmo ação terrorista conseguiria abalar o momento de euforia diante dos bons resultados da seleção no mundial.

Enquanto por um ângulo são reforçados os laços identitários e patrióticos, por outro a Copa representa um ponto de inflexão distante do conturbado cenário político social. Serve a manifestação passional da população, sobrepondo conflitos e tensões do cotidiano sob a forma de expressão popular espontânea que se interpõe, efemeramente, à realidade social.

Na sequência do artigo, Melo Filho sinaliza o clima de otimismo resgatado graças ao tricampeonato mundial. O futebol é visualizado como expoente da unidade nacional, impulsionando o desenvolvimento do país. O sucesso alcançado nos gramados é reiterado pelo instante de relativa estabilidade econômica e pelo aumento do poder de compra. O sucesso esportivo sob o signo do nacionalismo contribui para a aproximação do governo e da população:

Reconstituía-se (por algum tempo?) a unidade nacional em torno de um caneco. Restabelecia-se o clima de euforia, animação, otimismo e

⁶ MELO FILHO, M. Da unidade nacional em torno de um caneco. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 20-21, jul. 1970. p. 21.

confiança, dentro da tese segundo a qual povo motivado é povo feliz. E ao contrário do que sempre acontece, desta vez eram as massas, com o futebol que imprimiam às elites novas normas de procedimento. Aumentaram as vendas. Ressurgiu o dinheiro. Nunca se comprou tanto. [...]

Com a inflação ou sem ela, a verdade é que a nação se reencontrou consigo mesma. O governo passou a jogar e a deixar jogar, num esquema de sanfona: todos atacando e todos defendendo, dentro do mais moderno sistema de futebol solidário, unitário, coletivista, de competição, num time sem vedetes e sem estrelas.⁷

A analogia entre futebol e política, quase como símbolos complementares do avanço nacional, favorece a construção de uma imagem positiva do governo diante da população. Ao ser retratado como fenômeno unificador, embora originário de um espaço autônomo apropriado pela ação popular, o futebol forneceria os aparatos simbólicos passíveis de serem instrumentalizados pela ditadura. Ainda assim, é importante salientar que o próprio autor duvida da perenidade do sentimento de unidade – o qual sequer existiria anteriormente –, promovido pela comoção em torno do êxito esportivo. De certo modo, o tom adotado na sequência do texto parece atribuir ao governo a incumbência de sustentar nos planos político e econômico, em uma provável referência ao surto desenvolvimentista conhecido como milagre, o momento de coesão e integração nacionais despertados pela mobilização em torno do futebol.

Tanto a *O Cruzeiro* quanto a *Manchete* assumem uma postura favorável à aproximação entre o a conquista do tricampeonato e o governo chefiado pelo General Médici. O que não significa dizer que houve necessariamente uma ingerência do regime sobre tais publicações. Afinal, parte da imprensa, como no caso destes periódicos, compartilhava de um mesmo arcabouço político ideológico com a ditadura. Assim, a associação, sob o viés da mobilização da população em torno de uma ideia unitária de

⁷ MELO FILHO, M. Da unidade nacional em torno de um caneco. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 20-21, jul. 1970. p. 21.

nação, entre o futebol e o governo na locução destes periódicos coincide antes com a especificidade de seu posicionamento político.

Outras perspectivas sobre a conquista nacional podem ser contempladas através dos artigos publicados no semanário alternativo *O Pasquim*. Diferentemente de *O Cruzeiro* e *Manchete*, publicações oriundas da grande imprensa condescendente com o regime, o discurso adotado assume um tom mais crítico com relação à repercussão política e social do tricampeonato. Artigos, charges e entrevistas ao mesmo tempo em que buscavam valorizar o título sob o plano esportivo, enaltecendo a tradição cultural atribuída ao jogo, questionavam a dimensão social adquirida pelo evento. O futebol é tanto valorizado como fenômeno cultural significativo, quanto criticado por servir como forma de alienação política e ocultar desigualdades sociais.

Além do material produzido pela equipe do periódico também são veiculados, na seção “O que há para ler”, materiais originalmente divulgados em outros espaços. Dois artigos sobre a Copa extraídos de jornais diários foram publicados nesta seção d’*O Pasquim* n. 54, de julho de 1970. Antecipando os textos, uma nota explicativa referenciava os veículos de origem dos artigos, além de destacar sutilmente que o hebdomadário compactuava com as leituras apresentadas:

Em pleno frenesi provocado pela copa na imprensa, teve gente que conseguiu fotografar o que estava acontecendo. Entre os que acertarão estão Rubem Braga (Última Hora, 25 de junho) e Fernando Pedreira (Estado de São Paulo, 22 de junho).⁸

O primeiro texto, intitulado “Reza e Berra”, do escritor e cronista Rubem Braga, trata sobre a manifestação passional da população. Em um primeiro momento, o autor se indaga sobre a importância do tricampeonato, se este simbolizaria “uma afirmação do

⁸ O que há para ler. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 10.

homem brasileiro, uma prova da capacidade do próprio Brasil?”. Em resposta duvidosa assinala: “somos tentados a pensar que sim. A tentação é tão forte que não vou resistir”. Este diálogo retórico evidencia o papel do futebol como representação do brasileiro e manifestação de suas potencialidades de realização. Porém, Braga duvida de que esta representação, fruto de um esforço social conjunto e de ampla mobilização passional popular, seja capaz de transcender os limites do campo esportivo. Durante o mundial, teríamos mostrado, para além do “talento especial” com a bola, capacidade de organização, planejamento e raciocínio rápido para obter a vitória “de ponta a ponta”. Contudo o autor não compartilha da mesma convicção quanto à possibilidade de uma mobilização coletiva organizada e passional semelhante no universo político e social.

Mas o que explodiu mesmo foi a alma a paixão do povo; uma explosão incomparável de alegria, de entusiasmo, de orgulho. Será que esse povo que rezou e esta berrando junto, não será capaz de trabalhar junto, de viver em paz junto; Isto perguntava debruçado de minha varanda em Ipanema, um velho amigo meu; e perguntava mais: “Será que algum terrorista se aproveitou do delírio coletivo para adiantar um plano seu qualquer, agindo com frieza e precisão? Será que, de outro lado algum carrasco policial teve ânimo para voltar a torturar sua vítima logo que o alemão apitou o fim do jogo?”

Não respondo; não sei; receio que toda essa paixão generosa que nos empolgou a todos se consuma em fogo vão; e continuamos a viver esta nossa melancólica e vergonhosa vida nacional tal como ela era antes: medíocre, parda, vil,...

Não respondo; não sei. A hora não é de pensar é de berrar, berrar: Brasil, Brasil, Brasil!⁹

No texto de Braga, o futebol, na figura do tricampeonato, e o contexto político cotidiano se opõem como formas de representação social do brasileiro. Enquanto o primeiro, fundamentado sobre uma tradição vitoriosa, desperta a paixão, união e a exaltação orgulhosa da nação; o segundo representa motivo de vergonha, desunião e melancolia. O futebol se manifestaria como espaço de realização plena do ser brasileiro,

⁹ BRAGA, R. Reza e Berra. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

aglutinando manifestações passionais sobre a nacionalidade que não encontram ressonância no espaço político e social do regime.

Ao passo que as narrativas verificadas anteriormente observavam a interação entre o sucesso esportivo e sua apropriação política sob uma visão otimista, Braga refutava a sustentação dos sentimentos exaltados pelo futebol diante do conflituoso espaço social. O sucesso no mundial serviria como espaço de representação de desejos e anseios projetados sobre o Brasil enquanto nação, espécie de despolitização voluntária de uma realidade nacional incapaz de cativar, majoritariamente, as atenções populares. Sob esta perspectiva a efetivação de uma apropriação política por parte do governo teria duração efêmera e ineficiente, uma vez transcorridos os festejos populares.

O outro artigo selecionado pela equipe d'*O Pasquim*, "Duas lições do México", do jornalista Fernando Pedreira, foi originalmente publicado antes da partida final. A narrativa destaca o futebol praticado pela seleção como exemplo da capacidade de desenvolvimento da nação. Contrariando a perspectiva cultural tradicional, na Copa do México teriam sido superados alguns dos atributos negativos da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina e o individualismo. Características muitas vezes enaltecidas como constituintes de um estilo propriamente brasileiro, corroboradas pelo bicampeonato de 1958 e 1962. De acordo com a leitura de Pedreira, sem perder suas qualidades técnicas e o talento com a bola, a seleção de 1970 romperia com momentos anteriores, representando a maturidade nacional, sintetizada a partir da capacidade de organização, do treinamento realizado, da disciplina e da consciência de seus jogadores:

Mas, desta vez, sem perder nada disso, a seleção brasileira de futebol mostrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente dos seus deveres quanto os que mais fossem. Portamo-nos seriamente. Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramo-nos de alguns defeitos que

pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina, o individualismo. País do Carnaval? Nem tanto. Com um pouco de sorte, uma Copa do Mundo pode ser ganha na base da improvisação e do virtuosismo. Mas para jogá-la como jogamos, desta vez, é preciso que a Nação tenha chegado a um grau de maturidade e seriedade – e até de riqueza material – que o Brasil tenha alcançado sem que nos déssemos claramente conta disso.¹⁰

O sentimento coletivo sob a égide da nação, a exaltação passional e maturidade demonstradas a partir do futebol são consagradas como manifestação dos anseios populares, independentemente da intervenção política ou de verbas destinadas por agentes externos. A autonomia do campo esportivo aparece de forma velada, negando a possibilidade de que o desempenho brasileiro nos gramados seja fruto da ação e ingerência do Estado. Sob este aspecto o futebol seria uma das poucas expressões efetivamente democráticas da sociedade brasileira:

Quem é o responsável por este surpreendente comportamento, tão pouco “brasileiro”? A intervenção do Estado e o governo revolucionário? Não. O futebol, felizmente, é uma das poucas coisas neste País, que não foram estatizadas e nem sequer dependem do capital estrangeiro, a não ser no capítulo das verbas de publicidade. Pertence todo à iniciativa popular e particular: é o que pode haver de democrático.

Quem fez a atual seleção foi a nação propriamente dita. Foram os clubes e entidades esportivas, com todos os seus defeitos; foi a crítica vigilante da imprensa; foi a pressão das opiniões da opinião pública; foram os próprios jogadores. Com esses elementos, através de um debate mais livre, mais amplo e talvez tão apaixonado quanto o da política, chegamos ao México. Pode ter sido uma lição.¹¹

Em uma sociedade burocratizada e excludente, sedimentada sob um regime de exceção, o futebol, através da campanha realizada no mundial, é visualizado como exemplo de esforço plural de múltiplos atores sociais. Representa uma experiência efetiva de liberdade, fundamentada no debate coletivo em prol do desenvolvimento nacional em contraste com as limitações impostas pela rigidez política nacional. A Copa

¹⁰ PEDREIRA, F. Duas Lições do México. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

¹¹ PEDREIRA, F. Duas Lições do México. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

do Mundo seve como ensaio, ainda distante, de uma organização político social mais igualitária, imaginada como ideal para resolução dos problemas da nação:

Mas a Copa do Mundo deixou-nos com água na boca. À espera do tempo em que os problemas reais da Nação brasileira, como a sêca do Nordeste, por exemplo, ou as grandes questões políticas, possam ser submetidas ao livre debate, à pressão das paixões populares, ao alto grau de participação coletiva que é hoje, entre nós, um privilégio do futebol. Estou certo de que, então, não nos faltara talento e ânimo para chegar onde queremos.¹²

Uma das características d'*O Pasquim* é a personalidade da escrita. Enquanto grande parte dos órgãos de imprensa busca a padronização do texto, visando uma aparente neutralidade e objetividade, sintetizando uma pretensa uniformidade de pensamento, o hebdomadário privilegia a individualidade do autor. Deste modo, cada texto, comentário ou coluna se enquadra no perfil do artigo de opinião (BRAGA, 1991). Tal postura permite que diferentes pontos de vista sobre a mesma temática possam ser observados em um mesmo exemplar do periódico.

Também no nº 54, Paulo Francis, discute brevemente a ampla comoção popular na comemoração do tricampeonato mundial. Novamente a exaltação passional proporcionada pelo futebol contrasta com a apatia popular diante do cenário político instalado com o golpe de 1964. Sob o formato de uma crítica velada ao regime, também permanece implícita a percepção do futebol como fenômeno capaz de cativar as massas. A euforia desencadeada pelo título constituiria espaço paralelo de realização, crítica e contestação, servindo como uma fuga à triste realidade cotidiana. Diante da opressão política, que limita a possibilidade de expressão no espaço público, o futebol surgiria como caminho viável para plena manifestação popular:

A multidão nas ruas, depois das vitórias brasileiras na Copa do Mundo, estariam somente celebrando o futebol? Nada de comparável

¹² PEDREIRA, F. Duas Lições do México. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

aconteceu em 1958 e 1962. Nem o fato do Tri ou da posse definitiva da taça explicam de todo a arruaça, pois arruaça foi. Havia algo mais, óbvio e inconsciente. Desde 1964, esta foi a primeira vez que o povo se sentiu unido em torno de um objetivo nacional. A inexistência de veículos de extravasão política, o tédio, o medo, e a miséria da vida do Brasil de hoje encontraram um antídoto nos nossos 11 jogadores em campo. Eles saíram daqui desmoralizados como nós. Lá fora, se reencontraram, talvez porque livres da nossa opressiva atmosfera doméstica, e a gente, por procuração, partilhou esse estado de espírito. Agora acabou, mas ficaram alguns sinais na parede para quem sabe lê-los.¹³

Paradoxalmente, a ilustração que acompanhava esta passagem no texto de Francis parecia apontar para uma perspectiva distinta daquela apresentada sutilmente pelo autor. A imagem em questão, uma provável produção de Jaguar, retratava um torcedor, representado com vestes simples em uma alusão às camadas sociais mais pobres, correndo atrás da taça Jules Rimet. Em suas costas o torcedor carrega um segundo personagem, trajando paletó e cartola, que suspende a taça com uma vara e uma linha (figura 1).

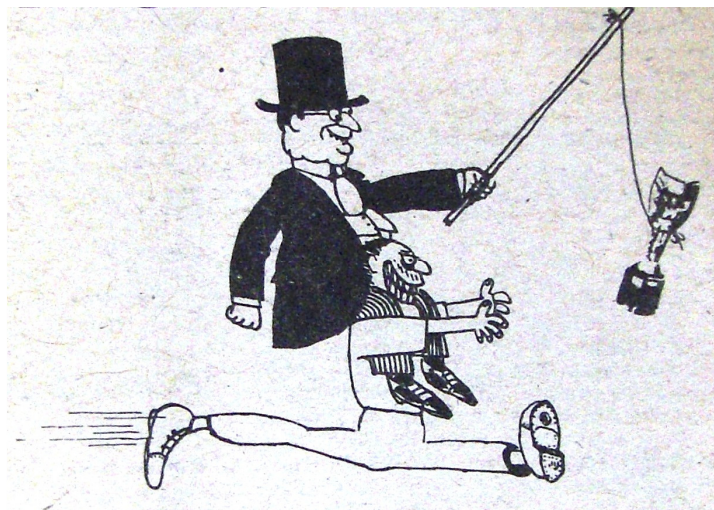


Figura 1 – Ilustração na coluna de Paulo Francis¹⁴

Exemplificando a pluralidade discursiva do semanário, imbuída na liberdade autoral de seus integrantes, a charge apresenta uma perspectiva de instrumentalização e

¹³ FRANCIS, P. Opinião pessoal de Paulo Francis. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 25, jul. 1970.

¹⁴ FRANCIS, P. Opinião pessoal de Paulo Francis. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 25, jul. 1970.

manipulação popular por meio do futebol, distanciando-se da mobilização passional e espontânea, em oposição ao imobilismo político e social perpetrados sob a ditadura, assinalados por Francis. Na linguagem visual proposta pelo desenho, é interessante notar as feições dos personagens, o contraste entre o olhar vidrado daquele que corre atrás da taça, talvez sobre um efeito supostamente inebriante despertado pelo êxito no mundial, e a serenidade daquele que o guia sobre os seus ombros. Na imagem, tal como em outros discursos, é o sentido da alienação que assume forma preponderante.

Ferreira Gullar¹⁵, em “Curtição Geral”, também reflete sobre o momento vivenciado com o tricampeonato como forma de estabelecer sua crítica social. Segundo o autor a relação popular com a seleção campeã no México representa “uma das raras expressões coletivas em uma sociedade como a nossa”. Para Gullar o futebol representaria simultaneamente “nossa glória e a expressão de nosso subdesenvolvimento”¹⁶.

Diante de uma sociedade desigual, subdividida em grupos socioeconômicos distanciados, na qual os benefícios e riquezas são concentrados apenas por uma pequena parcela, o futebol permanece como um dos poucos elementos eminentemente democráticos, acessível a todos:

“Futebol não. È coisa de todo mundo. Ao alcance de todos. Uma chupa de laranja. Uma bola de meia. Uma bola de borracha. E afinal uma bola de couro. São estágios da vida de qualquer menino brasileiro, principalmente se ele é pobre, suburbano ou favelado”. [...] “É assim o futebol: um troço aberto, democrático. A mais democrática seleção do mais apto de que se tem conhecimento neste país: todo mundo pode concorrer. Todo mundo aprende a jogar, pois não há necessidade de professor nem escola nem material escolar”.¹⁷

¹⁵ Escritor e artista de destaque no período, foi um dos colaboradores recorrentes do semanário.

¹⁶ GULLAR, F. Curtição geral. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 29, jul. 1970.

¹⁷ GULLAR, F. Curtição geral. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 29, jul. 1970.

O sucesso do país neste esporte é atribuído justamente pela ampla participação das massas. Sem grandes possibilidades de ascensão social, a vida como jogador se transformaria em um dos poucos caminhos viáveis, onde reinaria uma espécie de igualdade de condições na disputa.

Acredito que o Brasil é tão bom em futebol por varias razões, mas uma delas, certamente, é essa amplíssima possibilidade de participação da massa do povo, sem as barreiras de classe. Como qualquer um pode tentar e conseguir, quase todos tentam ou pelo menos experimentam. Não é como fazer o ginásio, que o cara não consegue porque tem de trabalhar com doze, treze anos de idade. Além do mais, o pessoal da grana não ambiciona ser jogador de futebol. Alguns, até quando garotos, são bons de bola. Na adolescência, melhores ainda. Mas aí o pai entrega a eles um cargo na empresa e pronto [...]. Futebol é profissão de pobre.¹⁸

Para Gullar, é justamente por configurar como um meio aberto a participação popular, livre a todos, que o futebol pode ser reinterpretado como autêntica expressão nacional. Ao romper com divisão da sociedade em extratos e permitir a ascensão social configura um espaço democrático de manifestação de uma carga cultural popular “semiclandestina”. A interação sociocultural entre o futebol e o povo brasileiro lhe confere legitimidade como fenômeno identitário nacional:

Por isso é que tão pouca coisa neste país tem a autenticidade nacional como a desta Copa. Como foi a da Copa de 58 e 62. É nacional não porque se intitule nacional, mas porque tem profundas raízes no povo do país. Não é uma coisa inventada pela propaganda nem imposta de cima pra baixo. É nacional como o trabalho duro de todo dia, como o salário pouco de cada mês, como o sonho de uma vida melhor. Nacional como o samba e o Carnaval.¹⁹

Para o autor o futebol configura uma manifestação cultural popular espontânea, oriunda de expressões de paixão originárias do povo e não impostas arbitrariamente sobre ele. Gullar utiliza-se das construções discursivas articuladas sobre o esporte, e

¹⁸ GULLAR, F. Curtição geral. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 29, jul. 1970.

¹⁹ GULLAR, F. Curtição geral. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 29, jul. 1970.

constituintes de sua perspectiva tradicional, para firmar sua crítica política, sem desconsiderar o papel destacado do futebol no espaço brasileiro.

Culminando a releitura política e social sobre o tricampeonato, *O Pasquim* trazia a seguinte charge em sua última página, sob a assinatura do cartunista Jaguar (figura 2):

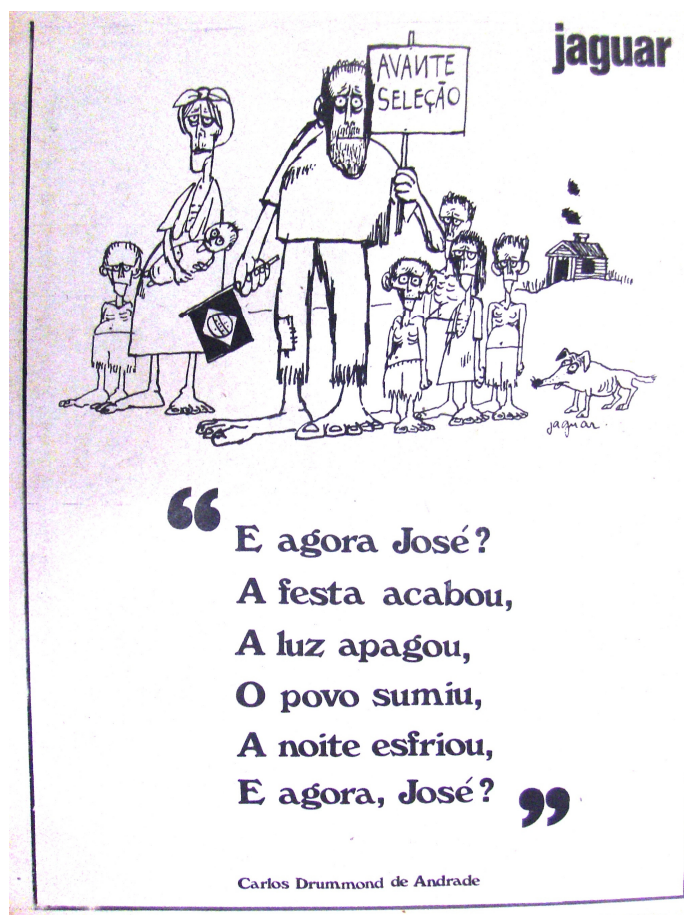


Figura 2 – Avante seleção²⁰

Sentenciando o fim da euforia coletiva em prol da conquista do título, a charge de Jaguar, utilizando-se do poema de Carlos Drummond de Andrade²¹, reafirma os problemas e iniquidades sociais. A referência às situações de miséria, fome e, provavelmente, a seca no Nordeste, como necessidades urgentes, servem como motivos

²⁰ JAGUAR. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 40, jul. 1970

²¹ O poema “José” de Carlos Drummond de Andrade foi originalmente produzido em 1942, sob o Estado Novo Vargasista.

visuais na composição da imagem. Repercutem na expressão dos personagens, na sua contraposição com a estrofe do poema e fim do mundial. Apesar do sucesso do tricampeonato, do fugaz momento de felicidade, mantem-se o distanciamento do universo político-social e permanecem inalterados os dilemas da realidade nacional. Sem o entusiasmo da Copa – “e agora, José?” –, fica a dúvida sobre qual será o alento da população. Terminado o mundial, o brasileiro se desvincula da tradição de nação vitoriosa construída com base no imaginário esportivo, para retornar para os desequilíbrios, ainda insolúveis, da sociedade.

De modo geral os breves excertos analisados conferem lugar significativo ao futebol como forma de manifestação cultural popular. Este é representado como fenômeno singular, dotado de funcionamento autônomo à realidade política e social. Nas narrativas observadas, a tradição brasileira no esporte e os valores culturais a ele atribuídos são evocados como forma de justificar seu grande apelo junto à população, conferindo legitimidade a manifestação de sentimentos passionais sobre a nacionalidade. Neste processo também são rememoradas características consagradas ao futebol brasileiro como forma de assegurar a campanha realizada no México um lugar singular na trajetória esportiva nacional.

Uma suposta interferência, isto é, uma determinação do campo político sobre o esportivo é negada por estas narrações. Embora as possibilidades de apropriação política em favor do Estado sejam destacadas – sendo até mesmo parcialmente incentivadas em *O Cruzeiro e Manchete* –, o esforço que leva a conquista ao tricampeonato é localizado fora das possibilidades de intervenção do governo. A propaganda política trataria de canalizar os louros da vitória no México em proveito de seus projetos políticos, na tentativa de aproximar a imagem do regime à população. Estas estratégias são

devidamente reconhecidas pela imprensa, mesmo pelos veículos que matem uma postura complacente com o autoritarismo militar, atestando o momento do tricampeonato como uma oportunidade única de cativar a população, algo que desde a eclosão do golpe em 1964 a ditadura fora incapaz de realizar.

Embora a leitura do futebol como objeto de alienação política esteja bastante presente, as narrativas não parecem compartilhar somente de sua interpretação prévia como “ópio do povo”. Apesar de ser retratada como uma forma de desviar as atenções populares dos verdadeiros problemas da sociedade brasileira, este desvio é muitas vezes voluntário. Uma maneira de celebração popular no qual a representação do Brasil nação obtém sucesso, com ampla mobilização das massas. A “politização” proporcionada pelo esporte surge a partir da manifestação popular espontânea e legítima em contraponto a um cenário político que limita a participação e o debate públicos. Neste sentido, mesmo quando retratado como forma de alienação, o futebol configuraria uma experiência democrática enquanto o mesmo não poderia ser visualizado no campo político brasileiro sob o signo da ditadura militar.

Referências

- AGOSTINO, G. *Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ALVES, M. H. M. *Estado e oposição no Brasil (1964-84)*. Bauru: Edusc, 2005.
- ANSART, P. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAGA, J. L. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: UNB, 1991.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. In: _____. *A beira da falésia, a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- DAMATTA, R.; et. al. *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GASTALDO, E. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

HOBBSAWM, E. Introdução: A Invenção das Tradições. In. _____.; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

POLLACK, M. Memória, esquecimentos, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLACK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, n. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

REIS, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R, P. S. (Org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

REIS, D. A. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In. _____.; RIDENTI, M.; MOTTA, R, P. S. (Org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004. p. 29-42.

RÉMOND, René. Uma história presente. In. _____(org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 1996. p. 13-36.

_____. O retorno do político. In. CHAVEAU, A. (Org.). *Questões para história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 51-60.

RIBEIRO, L. (Org.). *Futebol e globalização*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.

_____. O futebol no campo afetivo da história. In. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 10, n.3, p. 99-111, set/out 2004.

SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SOARES, A. J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In. HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.